

Quem pode ser drag queen? Uma análise semiótica a partir do caso de Chappell Roan¹

Mariana Vitória Barros Simplício²

Matheus Pereira Dias³

Ricardo de Jesus Machado⁴

Universidade Federal do Oeste da Bahia– UFOB

Universidade Federal do Oeste da Bahia– UFOB

Universidade Federal do Oeste da Bahia– UFOB

Resumo

O texto se propõe a apresentar a discussão sobre o caso de Chappell Roan, uma artista estadunidense, mulher cis e que performa artisticamente como drag queen. O tema joga luz sobre as possibilidades da performatividade drag em perspectiva, partindo de análise de conteúdo a partir de discussões no *X* para avançar em direção a uma análise semiótica da cultura do fenômeno. Em termos teórico e metodológicos, o estudo se ampara na Semiótica da Cultura de Lotman (1996), estudos de gênero de Butler (2022, 2024) e Ostruca dos Santos (2024) e na perspectiva interseccional de Collins (2020), entre outros.

Palavra-chave: Comunicação. Semiótica. Gênero. Drag Queen.

Introdução – Devir Drag

Kayleigh Rose Amstutz, cujo nome artístico é Chappell Roan, é uma cantora e compositora estadunidense nascida no estado do Missouri. Chappell começou a ganhar atenção no cenário musical brasileiro após o lançamento de seu álbum *The Rise and Fall of a Midwest Princess*, em setembro de 2023. Seu estilo pop alternativo, misturando elementos de indie pop e dark pop, e suas letras que abordam temas como identidade, experiências em relacionamentos e autoaceitação, sendo uma mulher abertamente lésbica, foram os principais fatores que colaboraram para a aclamação por parte da mídia e do

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação e Cidadania Intercom Junior, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

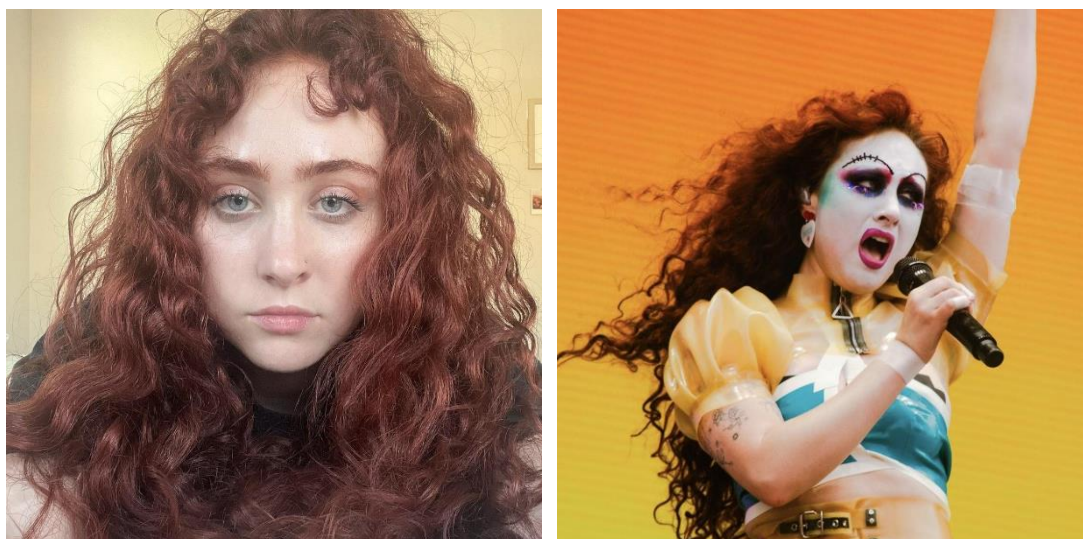
² Graduanda em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Bolsista de Iniciação Científica em apoio ao CNPq. Seus interesses de pesquisa incluem cinema, semiótica, direção de arte e inteligência artificial generativa. E-mail: mariana.s4725@ufob.edu.br

³ Graduando em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Bolsista de Iniciação Científica com apoio do CNPq. Seus interesses de pesquisa incluem fotografia, semiótica, memória, direção de arte e inteligência artificial generativa. E-mail: matheus.d1821@ufob.edu.br.

⁴ Professor e Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arte, Comunicação e Territorialidade e Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda na UFOB. Doutor em Comunicação e Informação, na linha de pesquisa Cultura e Significação do PPGCom/UFRGS. Pós-doutorando no Instituto de Estudos Linguísticos IEL da Unicamp. E-mail: ricomachado@gmail.com.

público. Além disso, o visual de Chappell, como pode ser observado em suas performances ao vivo, destaca-se por sua forma marcante, colorida e saturada. Numa entrevista ao podcast *Q with Tom Power*, Roan falou sobre como se transformou e passou a se considerar uma artista Drag Queen. Em suas palavras: “Havia algo que mudou, eu realmente assumi isso como uma identidade, e tem sido muito libertador. Chappell Roan é uma drag, é o meu projeto de drag”⁵. A autoidentificação de Chappell Roan como uma Drag Queen provocou uma série de debates acalorados na internet, particularmente na rede social X (antigo Twitter), onde membros da comunidade LGBTQIAPN+⁶ debateram a autenticidade e legitimidade da identidade de gênero de Roan. Parte desse debate se originou da percepção de que o conceito de “drag queen” está intimamente ligado a experiências que ultrapassam a estética e o desempenho artístico.

Figura 1 – Duas faces de Chappell Roan: A pessoa e a artista



Fonte: Instagram de Chappell Roan, 2024.

Considerando uma abordagem metodológica, propomo-nos a pensar o fenômeno Chappell Roan a partir de uma perspectiva de análise semiótica da cultura – Lotman (1996) – em perspectiva com teorias de gênero e de performances de gênero – Butler (2022, 2024) e Ostruca dos Santos (2024). Com uma maior visibilidade do seu trabalho

⁵ No original: “There was something that switched. I really have taken that on as na identity and it’s been very freeing to be like, Chappell Roan is my drag project.” (Q WITH TOM POWER, 2023)

⁶ A sigla representa as denominações Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e Não-binárias, além de outras identidades e orientações sexuais.

no Brasil a partir de 2023, a cantora do norte global passou a ser comparada a Pablo Vittar, artista brasileira multipremiada internacionalmente.

Figura 2 – Pablo Vittar



Fonte: Google (2025)

Este ponto nos levou a refletir sobre questões associadas à interseccionalidade, nos termos de Patricia Collins (2020).

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS, 2021. p. 16)

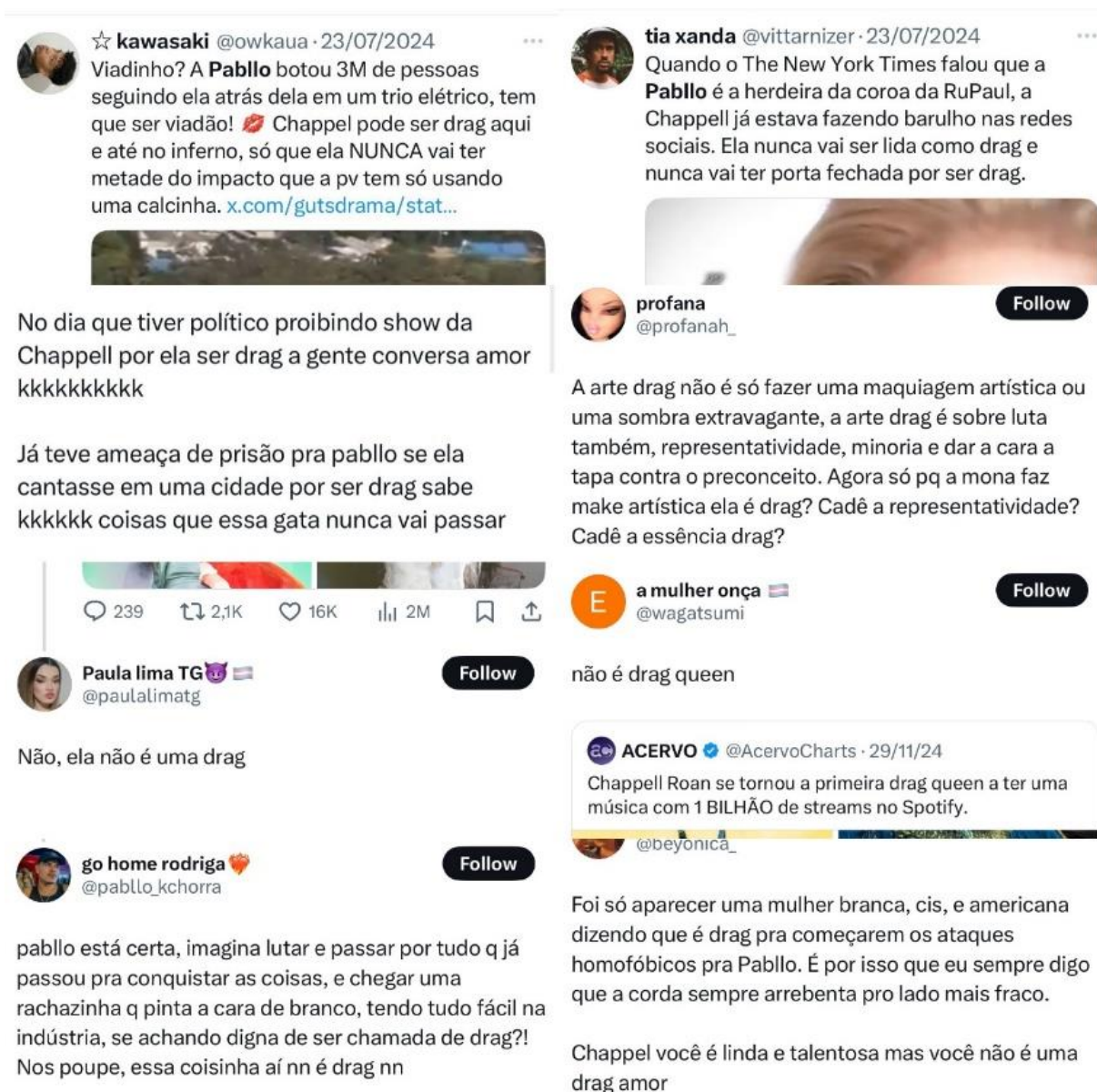
Autorizações e desautorizações drag na plataforma X

Diante disso, em um exercício convergente de análise de conteúdo – Sá Martino (2018) –, tomamos uma série de postagens na plataforma X para compreender como se deu um certo tipo de recepção à autointitulação de Roan como pessoa drag queen. Isso porque compreendemos que este estudo é uma análise de conteúdo e não análise de discurso, pois esta demandaria um corpus de observação maior e num espaço de tempo mais longo. Por esta razão e, em consonância com a noção de texto na Semiótica da Cultura, tomamos o método da análise de conteúdo assim definida por Sá Martino.

Na Comunicação, na análise de conteúdo se interessa pela mensagem. Se, apenas para distinguir, a análise de discurso se volta para relações entre ‘texto’ e ‘contexto’, os trabalhos focados no conteúdo se dirigem principalmente ao

‘texto’ – a mensagem, em qualquer meio, das páginas de um livro aos pixels de uma tela. A análise de conteúdo procura os significados menos óbvios, despercebidos em um primeiro contato, usando pistas existentes na mensagem” (Martino, 2018, p. 157-158).

Figura 3– Tweets sobre Chappell



☆ **kawasaki** @owkaua · 23/07/2024
Viadinho? A **Pablo** botou 3M de pessoas seguindo ela atrás dela em um trio elétrico, tem que ser viadão! 🍷 Chappel pode ser drag aqui e até no inferno, só que ela NUNCA vai ter metade do impacto que a pv tem só usando uma calcinha. x.com/gutsdrama/stat...

No dia que tiver político proibindo show da Chappell por ela ser drag a gente conversa amor kkkkkkkkkk

Já teve ameaça de prisão pra pablo se ela cantasse em uma cidade por ser drag sabe kkkkkk coisas que essa gata nunca vai passar

239 2,1K 16K 2M

Paula lima TG @paulalimatg
Não, ela não é uma drag

go home rodriga @pablo_kchorra
pablo está certa, imagina lutar e passar por tudo q já passou pra conquistar as coisas, e chegar uma rachazinha q pinta a cara de branco, tendo tudo fácil na indústria, se achando digna de ser chamada de drag?! Nos poupe, essa coisinha aí nn é drag nn

tia xanda @vittarnizer · 23/07/2024
Quando o The New York Times falou que a **Pablo** é a herdeira da coroa da RuPaul, a Chappell já estava fazendo barulho nas redes sociais. Ela nunca vai ser lida como drag e nunca vai ter porta fechada por ser drag.

profana @profanah_
A arte drag não é só fazer uma maquiagem artística ou uma sombra extravagante, a arte drag é sobre luta também, representatividade, minoria e dar a cara a tapa contra o preconceito. Agora só pq a mona faz make artística ela é drag? Cadê a representatividade? Cadê a essência drag?

a mulher onça @wagatsumi
não é drag queen

ACERVO @AcervoCharts · 29/11/24
Chappell Roan se tornou a primeira drag queen a ter uma música com 1 BILHÃO de streams no Spotify.

@beyonica_
Foi só aparecer uma mulher branca, cis, e americana dizendo que é drag pra começarem os ataques homofóbicos pra Pablo. É por isso que eu sempre digo que a corda sempre arrebenta pro lado mais fraco.

Chappel você é linda e talentosa mas você não é uma drag amor

Fonte: X (2025)

Voltando ao tema de fundo do debate, a repercussão da autodeclaração de Chappell Roan como drag queen, mais do que um simples ruído nas redes, evidencia um processo complexo de disputa por sentidos dentro da própria cultura queer. Se, por um lado, a performance drag sempre operou como uma linguagem subversiva, que

desestabiliza os códigos de gênero naturalizados, por outro, sua difusão em espaços *mainstream* como a indústria musical e as redes sociais exige revisar criticamente os mecanismos comunicativos de autorização e desautorização que estruturam sua recepção. No caso de Roan, o estranhamento não decorre apenas de seu gênero, mas daquilo que ele simboliza ao ser colocado em cena como drag: *uma desconstrução por dentro da feminilidade normatizada, tensionando os limites do que se espera de um corpo “autorizado” a performar drag.*

O estudo discute isso a partir da noção de semiosfera de Lotman (1996), compreendendo que a cultura não é um campo homogêneo, mas formado por zonas centrais e periféricas, onde textos culturais disputam espaço, sentido e legitimidade. Dentro dessa estrutura, Roan é lida por parte do público como um corpo deslocado, cuja performance estaria ocupando um território simbólico que tradicionalmente pertenceu a outras vozes, como gays cisgêneros, pessoas trans ou travestis racializadas. A crítica que recai sobre sua performance, como mostram os tweets analisados, não está apenas focada na questão estética ou performática, mas por não se encaixar em determinadas experiências de opressão, entendidas, no contexto analisado, como elemento legitimador da identidade drag. Isso revela uma disputa por um reconhecimento onde o que está em jogo é a autoridade de certos corpos em performatizar discordâncias.

Entretanto, essa perspectiva corre o risco de reificar identidades em lugar de compreendê-las como relações dinâmicas. Tal como Butler propõe, gênero é um gesto performativo e reiterativo, produzido por meio de atos e discursos culturais. Nesse sentido, a arte drag também é uma performance que insere no corpo significados sociais e políticos, e que, portanto, pode ser tensionada, mas não rigidamente delimitada. O incômodo com Roan talvez não se sustente apenas no fato de ela ser uma mulher cisgênero, mas na ameaça que sua presença representa a um imaginário já estruturado de quem pode ou não ser drag queen e de como essa figura deve operar culturalmente.

No cruzamento entre teoria e prática, fica evidente que o caso de Chappell Roan nos permite pensar como a cultura queer, mesmo em seu caráter subversivo, também pode construir zonas de fronteira e normatização interna (temas caros à Semiótica da Cultura). A drag, enquanto expressão cultural em circulação, é objeto de constantes ressignificações, algumas aceitas e outras rejeitadas. Ao se propor drag, a artista desafia não apenas a normatividade cis-hétero, mas também questões internas da própria

comunidade LGBTQIAPN+, revelando os limites e potências de uma performance que, por definição, deveria estar em constante movimento.

A análise empreendida até aqui aponta que a semiosfera drag, tal como delineada por Lotman, comporta zonas de fronteira em constante tensão, nas quais textos culturais disputam legitimidade e espaço, operando como marés que arrastam convenções estabelecidas mesmo quando estão à margem do hegemônico. Essa dinâmica, por sua vez, revela que as redes sociais não configuram um terreno neutro, mas atuam como propulsoras de um embate semiótico no qual vozes historicamente silenciadas se veem confrontadas por novos discursos de autorização e desautorização, disputando espaços no contexto de uma cultura ou subcultura.

Em paralelo, a institucionalização da arte drag em plataformas *mainstream* como RuPaul's Drag Race ilustra a instalação de um circuito privilegiado de legitimação, onde práticas outrora periféricas passam por processos de canonização que buscam cristalizar certos padrões de performance cuja aceitação depende de uma tensa negociação entre seus códigos originários e as demandas de uma indústria globalizada. Esse fenômeno evidencia que o acesso a esses territórios simbólicos não se dá apenas pela fluidez performativa, mas por circuitos de poder que regulam quais corpos podem ocupar o centro do palco sem risco de exclusão.

Recorrendo às origens históricas do termo, conforme descrito por Davenport (2017) e Joseph (2021), compreende-se que a prática drag emergiu no século XIX como uma forma de resistência disfarçada sob anáguas e performances noturnas, um eco dos bailes secretos coordenados por Swann⁷ em 1882, que agora retornam como fantasmas semióticos a assombrar as fronteiras entre subcultura e cultura de massa. Essa perspectiva histórica lança luz sobre o caráter explosivo das transformações culturais, pois, ao subverter normas de gênero, a arte drag tem o potencial de provocar fissuras profundas na semiosfera dominante.

Por fim, delineia um percurso inicial que demanda extensão e aprofundamento metodológico, sugerindo mapeamentos mais amplos dos discursos no X, análises comparadas e reflexões sobre a intersecção entre digitalidade e corporalidade drag como

⁷ Swann, teria sido a primeira drag queen, um nascido escravizado, que em 1882 organizava bailes drags. A casa Swann foi descrita pela primeira vez em um relatório policial de 1888 do jornal norte americano The Washington Post sobre uma batida policial a uma residência onde homens usavam vestidos de cetim e competiam em um cakewalk (estilo de dança tradicional afro-americano, criado pelos escravizados na região sul dos Estados Unidos como uma sátira às danças formais europeias. (Joseph, 2021)

elementos constitutivos de uma semiosfera em ebulição. Dessa forma, abre-se um caminho para investigações futuras que possam captar a complexidade desse fluxo semiótico, tratando a performance drag não como um mero espetáculo, mas como um texto cultural vivo em permanente reinvenção

Considerações Finais

Em termos de resultados preliminares podemos inferir que há uma resistência, a partir do recorte selecionado, em reconhecer Chappell Roan com uma drag queen, sobretudo por ser uma mulher cisgênero, apesar de ter a sexualidade lésbica. O fenômeno na rede social, aparentemente sustentado por pessoas que são também minorias de gênero, é tensionado pelas teorias de Butler e Ostruca. Algo curioso no estudo é que, de certa forma, há nas redes sociais (ao menos na estudada) uma compreensão conservadora (sic) sobre quem pode e quem não pode ser drag queen, no qual mulheres cis parecem não ser bem-vindas. Neste sentido, a noção de semiosfera de Lotman (1996) nos ajuda a compreender como a identidade drag é construída como texto da cultura e como ela problematiza e é problematizada pelas identidades de gênero.

Quanto às considerações finais, a partir do ensaio que dá origem a este texto, é possível pensar em padrões de tentativa de silenciamento da alteridade. O que a Semiótica da Cultura nos ajuda a entender é que no interior da cultura há semiosferas que são mais dominantes que outras, mesmo elas estando à margem do hegemônico (o que fica evidenciado visualmente no diagrama que apresentamos anteriormente), e que mesmo em um contexto de subculturas há certos textos que são mais “aceitos”, funcionam de modo mais eficiente, que outros. A consequência desse processo é que toda dinâmica da cultura ao privilegiar um aspecto, consequentemente apaga e marginaliza outras formas de experiências, criando zonas discursivas de autorização e desautorização das performances de gênero. A dinâmica aqui corresponde à intuição em tudo verdadeira de Benjamin de que “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.” (Benjamin, 1985 p. 225).

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BUTLER, Judith. **Desfazendo o gênero: feminismo e a subversão da identidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

DAVENPORT, Jeremiah. **From the love ball to Rupaul: the mainstreaming of drag in the 1990s**. Case Western Reserve University, 2017.

JOSEPH G., Channing. **House of Swann: Where Slaves Became Queens**. Picador, 2021.

LOTMAN, Iúri M. **Semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Fronesis Cátedra Y Universitat de València, 1996.

OSTRUCAL DOS SANTOS, Douglas Henrique. **Micropolítica das montações**: um estudo das comunicações transversais em fabulações transformistas/ Douglas Henrique Ostruca dos Santos. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

Q WITH TOM POWER. **Chappell Roan on The Rise and Fall of a Midwest Princess, perseverance and the freedom of drag**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f5UBV_Gpihg.

SÁ MARTINO, Luís Mauro. **Métodos de pesquisa em Comunicação**. Projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.